

...**Paços de Ferreira**, a cidade onde viveu a menina e decorreu uma parte importante da adolescência e da juventude que transporta consigo, constitui — para ela e na sua obra artística hoje ainda — uma fonte inexaurível de sonhos. E de inspiração.

A sua pintura actual revela-o em muitos aspectos. Quando não em algumas das temáticas que desenvolve, seguramente na *morfogénese das figuras com que constrói universos líricos, trágicos ou dramáticos*.

E é nesse contexto *intemporal* que a reabilitação da imagem figurativa ganha uma intensa força passional, conflituante com a penumbra ignara do *passado* e as mais temíveis *profecias do futuro*. São figuras que questionam o quotidiano onde a sobrevivência não depende mais de *impérios provisórios* e ocasionais, mas de um *poder irrefreável e ingerível, de soluções tecnológicas escravizantes que invadem e recondicionam a existência humana, nas sociedades auto-inseminadas de superficialismos, na vertigem da actualidade...*

...Por mim, não considero particularmente relevante, nem analiticamente indispensável, qualquer preocupação catalogica ou classificativa, quanto a uma relação hipotética da sua pintura, com movimentos e correntes dos quais, **TEREZA TRIGALHOS**, aliás, se vem mantendo em *ostensivo isolamento*. Todavia, esta posição não implica, que deva ser ignorada a *raiz gestual do seu expressionismo* (diferente, na essência, de aqueloutros que, entre nós o cultivam ou cultivaram - e de onde sobressaem nomes como os de **Artur Bual, Fausto Boavida, João Nascimento**, etc., em *períodos de abordagem figurativa!*).

Esse *gestuatismo incubado* (até o momento em que **TEREZA TRIGALHOS** decidiu dedicar-se em exclusivo às Artes Plásticas e a abraçar uma carreira profissional que lhe impôs o abandono da pedagogia das Artes Visuais), viria a constituir-se no estilo afirmativo, desafiador e obsessivo que lhe induz uma pintura inexplicavelmente enérgica e sedutora.

Existe - obviamente, *para mim* - uma preocupação, sensível e *tendencialmente abstracta*, no conceito de linguagem que ela imprime aos seus quadros. E tal circunstância dispensaria, ou tornaria ociosas as várias *interpretações ou traduções literárias* que suscitam, não fora o argumento de que "**a Verdade não é verdade, sozinha./ Precisa de um exército./ E de uma procissão.**" É por isso que os *críticos e os escritores, os sociólogos, epistemologistas e historiadores de Arte*, nem sempre podem desempenhar uma função cultural e socialmente útil, na óptica simultânea de todos os autores e todos os públicos ...independentemente do lúcido exercício dessa responsabilidade.

Mas o facto de o imaginário de **TEREZA TRIGALHOS** advir de reminiscências dos seus *tempos de menina desta terra* pareceu-me ser da mais básica importância para os seus conterrâneos.

Embora esse imaginário, em nada de *concreto* lhes diga respeito. Embora o *visionarismo* da artista possa estar desenfocado de perspectivas que a vivência sedentária lhes haja consolidado variavelmente. Embora muitas dessas *memórias*, lhes sejam comuns. Embora elas possam provir de *remotas origens*, diversamente recordadas, ignoradas, ou simplesmente desconhecidas, por estarem fora do seu quotidiano.

Aquilo que **TEREZA TRIGALHOS** mantém vivo, em si mesma, são as **estórias**, as **lendas** e **mistérios** com que os mais velhos seduziam os seus medos infantis. Com que lhe incentivavam coragens e geravam cobardias! As tristezas e alegrias, os sentimentos contraditórios de triunfos e derrotas, de generosidades e vinganças - oriundas da alma **da mesma menina que já não é** - e ressurgem metamorfoseadas em imagens cruéis, movimentos vertiginosos, rostos marcados pelo cansaço, pela dor e pela ansiedade da ausência de paisagem. Corpos possantes, homens e mulheres em bailados e danças carnais mistas de pudor e desvergonha, com muito de ternura e muito de guerreiros. Figuras *insonoras* mas eloquentes que *ribombam* como trovões e resplandecem como raios e coriscos, invocados pela **magia infalível das suas trinças e pincéis**.

A carga excêntrica e voluptuosa da sua pintura obedece a **uma lógica emocional** de efeito aliciante no apreciador atento e descomplexado. *Revê-se e descobre-se nos seus quadros*, penetrando na (*por vezes rude e agressiva*) linguagem estética que brota, com espontânea criatividade, da *inspiração intimista* que ela recondiciona *a posteriori*, com “**os óculos postos para pensar**” de uma forma crítica e autocontestatária, quase religiosa. Lutando contra todos os obstáculos (reais ou fictícios) por **manter vivo o Amor**. Às coisas, às pessoas e aos animais que coexistem, neste mundo, com os universos da quimera.

Lisboa, 1997. Outubro